Aos que tiveram de se arrastar para fora da escuridão
e ainda assim escolheram ser uma luz neste mundo —
tenho orgulho em vocês.

AVISO DE CONTEÚDO

Esta obra contém conteúdo sexual explícito e cenas com elementos de terror, assim como descrições aprofundadas de tendências obsessivo--compulsivas, tais como pensamentos intrusivos e tiques compulsivos. Para uma lista mais completa de possíveis gatilhos, por favor consultem o meu *website*:

www.kayliesmithbooks.com

Hierarquia de Seres Paranormais

Rei dos Diabos

Príncipe dos Diabos

Diabos

Demónios
Descendência de um Diabo e outro ser paranormal

Assombrações
Descendência de um Demónio e outro ser paranormal

Outros Seres Paranormais **Imortais**	Seres Paranormais Mortais
Vampiros	Necromantes
Metamorfos	Videntes
Familiares	Bruxas
Espíritos	Espectros

Classificação de Espíritos

Fantasmas
Tipo de espírito mais corpóreo e poderoso

Trasgos
Tipo de espírito capaz de possuir o hospedeiro corpóreo de outro ser

Aparições
Tipo mais comum de espírito, completamente não corpóreo e que, se deixado em qualquer plano corpóreo por demasiado tempo sem passar para o outro lado, pode deteriorar-se num avejão

Avejões
Uma aparição que se deteriorou até se tornar uma entidade entorpecida e irracional

«Que fantasmagoria é a mente, e ponto
de encontro de dissemelhanças!»

— Virginia Woolf, *Orlando*

PRÓLOGO

CRUEL

O Diabo tinha uma boca cruel e uma voz suave como *bourbon*.

— Qual é a tua decisão? — insistiu ele, enquanto fazia descer a ponta do dedo indicador por um dos lados da garganta dela, os lábios a meros centímetros da pulsação acelerada no outro.

— Enganaste-me — sussurrou ela.

A resposta dele foi rir-se, o bafo acariciando-lhe a pele febril.

Ele estava tão próximo que ela mal conseguia pensar.

Qualquer resposta coerente à pergunta dele escapou-se-lhe quando outro impulso de adrenalina lhe correu pelas veias, mas os acontecimentos que levaram àquele momento ficaram gravados na sua mente com uma claridade vívida.

1

FEITIÇO DA MEIA-NOITE

TRÊS NOITES PARA PHANTASMA

O luar reluzia no medalhão dourado preso em volta do pescoço gelado do cadáver.

Ophelia Grimm desapertou com fervor o colar em forma de coração do pescoço da mãe antes de sair do círculo do feitiço e apertou a joia familiar sob os cabelos soltos cor de umbra. Sentiu um arrepio na espinha quando o metal gelado se encostou à pele, causando-lhe um formigueiro na carne mesmo abaixo do medalhão.

Ophelia ajoelhou-se à esquerda do cadáver pálido da mãe, com a irmã, Genevieve, a observar a alguns passos de distância, num silêncio atento. Apertando com força a lâmina de prata que tinha na mão, Ophelia encostou a ponta afiada à carne macia e cor de marfim da parte interior do braço. O corte foi profundo, mas preciso, fazendo escorrer sangue suficiente para que este gotejasse e se acumulasse no chão à sua frente, tingindo o material branco delicado da camisa de noite com um tom macabro de vermelho. O cheiro a ferro e sal era pungente.

Ophelia deixou cair a lâmina no chão com um estrépito e Genevieve tremeu como uma lebre assustada. Ophelia ignorou a reação da irmã, acendendo um fósforo e apreciando o sibilo do fogo a incendiar-se no silêncio de morte na Mansão Grimm. Estendeu a mão na direção da vela mais próxima e esperou que o pavio se acendesse, batendo suavemente no lado do pilar de cera enquanto contava cada toque mentalmente.

Um, dois, três.

Quando a vela finalmente se acendeu, Ophelia colocou-a no devido lugar dentro do círculo do feitiço, e os restantes pilares cerosos em volta do corpo inanimado de Tessie Grimm incendiaram-se de imediato. As sombras das irmãs Grimm esticaram-se até ao teto enquanto as cortinas de veludo esvoaçavam com violência.

Fora Ophelia quem acordara, encharcada em suor, a meio daquela noite amena de Nova Orleães, para encontrar a mãe deitada, hirta, no tapete bege de cambraia. Não houvera gritos de horror nem sinais de pânico ou atividade criminosa. Nem sinais de perigo, de todo. Apenas a mãe, estendida no chão, como se a mulher tivesse decidido retirar-se para dormir no chão da sala de estar em vez de uma cama. Se a sensação estranha e crepitante de magia não a tivesse alertado de que algo muito errado se passava, ela poderia não ter encontrado a mãe antes do nascer do sol. E, nessa altura, teria sido demasiado tarde.

Ophelia dera conta, vagamente, dos passos da irmã a fazer ranger as escadas atrás dela, mas estivera demasiado ocupada a vasculhar as suas recordações para avisar Genevieve da cena macabra no andar de baixo. Ophelia percorreu a sua memória para confirmar que batera vezes suficientes na cabeceira da cama e que batera levemente com os nós dos dedos no padrão correto na parede do quarto antes de ir dormir. Mas sabia que o fizera. As suas compulsões eram já uma rotina por essa altura. Aquilo não era culpa sua. Não podia ser. Ela fizera tudo de forma perfeita.

Por um momento, considerara deixar o corpo como estava e voltar para a cama, convencida de que desapareceria pela manhã tal como todas as conjurações da sua mente. Foi apenas o choro intenso de Genevieve e o pulsar de energia no ar que a fez entrar em ação. Com rispidez, mandara Genevieve encontrar uma caixa de fósforos, e correra pela Mansão Grimm até ao escritório da mãe, saqueando a divisão até encontrar as sete velas pretas de que necessitava para realizar o feitiço antes que a oportunidade acabasse para sempre.

Ophelia era agora a mais velha da família Grimm. Uma mãe morta fazia dela muito mais do que uma órfã.

Despacha-te, estás a ficar sem tempo, murmurou a Voz das Sombras que lhe assombrava a mente em todas as suas horas de vigília. ***Se perderes a tua oportunidade, haverá consequências.***

Ophelia afastou a voz enquanto mergulhava dois dedos no próprio sangue — com cuidado para não ultrapassar o círculo de velas, não fosse quebrá-lo e estragar a única coisa para que treinara a vida toda. Estava na hora. A hora decisiva. O que quer que decidisse fazer em seguida iria mudá-la irrevogavelmente. Podia recusar-se a terminar o feitiço e permanecer como estava, a única versão de si própria que conhecera. Ou podia pagar o preço e continuar o legado da família.

— Não tens de o fazer, Ophie — sussurrou Genevieve no escuro, quase a implorar.

Mas Ophelia não podia ser quem terminaria a magia da família. Por muito que aquele ritual mudasse a constituição do seu próprio ser, não o fazer alterá-la-ia de uma forma que lhe quebraria o espírito. A necessidade de ser boa, de fazer tudo por todos os que alguma vez esperaram algo dela, estava enraizada nas profundezas dos seus ossos. Inextricável da sua alma.

Fechando os olhos, Ophelia sussurrou as palavras do feitiço que recitara todas as noites como uma oração profana desde que aprendera a falar. O calor das chamas intensificou-se à medida que terminava o encantamento, o ar ameno fazendo todo o seu corpo ruborizar enquanto se concentrava na energia que crepitava sobre a sua pele. Uma fragrância a queimado, amarga, ardeu no seu nariz. O cheiro a magia.

Quando a última palavra lhe saiu dos lábios, cada uma das velas pretas se extinguiu, uma a uma. Colunas de fumo cor de obsidiana ascenderam em volta do círculo enquanto ela enfiava a mão sob a gola da camisa de noite desabotoada e desenhava um selo carmesim sobre o coração com os dedos ensanguentados.

Depois, esperaram. Ophelia com expetativa. Genevieve com apreensão.

A temperatura da mansão desceu alguns graus e o silêncio tornou-se pesado, a escuridão demasiado quieta. Ophelia sentiu subitamente olhos nela, olhares que lhe queimavam a pele vindos de todos as direções. Olhos dos que ela não conseguia ver. Ainda.

Esperaram no escuro pelo que pareceu ser um período de tempo agonizante. O toque da meia-noite do enorme relógio do vestíbulo não soara ainda, mas Ophelia pensou que, seguramente, o feitiço já teria funcionado. Talvez ela o tivesse feito mal, talvez não tivesse dito as

palavras corretamente, ou de forma suficientemente clara. Talvez ela fosse um fracasso por completo…

Um grito emergiu da sua garganta quando fogo ardeu pelos seus ossos e sobre cada centímetro da sua pele. Caiu para a frente, sobre as mãos, a coluna a estalar e a formar um arco inatural, gemidos de dor libertando-se dos seus lábios quando a magia da mãe lhe inundou o corpo. Encostou a testa ao chão, a poça de sangue cobrindo-lhe o rosto quando a voz ficou rouca dos gritos. Genevieve aproximou-se para lhe pousar uma mão nas costas, num gesto reconfortante, incapaz de algo a não ser observar.

Quando tudo acabou, por fim, Ophelia deixou-se cair no chão, onde permaneceu por mais um longo minuto, tentando recuperar o fôlego. Finalmente, foi capaz de se levantar e, respirando fundo, sussurrou uma exigência à escuridão. A que selaria o seu destino para sempre.

A boca de Genevieve abriu-se de espanto quando a escuridão respondeu ao pedido de Ophelia, as velas reacendendo com a ordem sussurrada. Daquela vez, as chamas eram azul-prateadas. Azul Grimm.

Ophelia viu de relance o seu reflexo a bruxulear na janela. Os cabelos escuros e camisa de noite fina estavam encharcados de sangue. Carmesim manchava-lhe as maçãs do rosto afiadas e escorria sobre a cana do nariz delicadamente pontiagudo — um contraste impressionante com a pele de porcelana. Todavia, não foi isso que lhe chamou a atenção. Não quando o olhar que a fitava de volta já não era o seu. As íris já não eram o cerúleo brilhante e quente da sua infância. A cor que os de Genevieve ainda tinham. Em vez disso, tinham mudado para uma tonalidade gelada perturbadora, quase completamente ausente de pigmento. Eram da mesma cor arrepiante dos da mãe, a mesma que os da avó no retrato a óleo pendurado no vestíbulo. A mesma que os de todas as mulheres da família Grimm que aceitaram a sua magia antes delas.

Da mesma cor que os contornos nebulosos e reluzentes das Aparições que ela conseguia agora ver à espreita nas sombras da sala.

Azul Grimm.

Sentiu-se inundada por um orgulho venenoso, mas a onda de dor e sofrimento que se seguiu quase a fez ajoelhar-se. Uma parte dela

esperara que a magia não fosse transferida, que a mãe não tivesse realmente partido daquele plano corpóreo, mesmo que o cadáver frio aos seus pés contasse, claramente, uma outra história. A outra parte dela, a que completara com sucesso o feitiço e libertara a magia que agora fluía pelas suas veias, estava satisfeita.

Um reflexo bruxuleante no vidro chamou-lhe a atenção. Uma Aparição curiosa com um sorriso esfumado olhou para ela, sabedora, antes de desaparecer num piscar de olhos.

— Maldito Inferno, Ophie — sussurrou Genevieve, abanando Ophelia para a tirar do seu transe. — Estás bem?

Ophelia não disse nada quando acariciou com um dedo o medalhão que usava na garganta, batendo levemente enquanto sentia as primeiras lágrimas nos olhos.

Um, dois, três.

Ophelia praguejou com uma voz embargada no último toque e cambaleou um passo para trás, baixando o olhar para o colar, incrédula. Susteve a respiração enquanto esperava pela confirmação de que não o imaginara.

Momentos depois, o medalhão começou de novo a pulsar, sincopando-se com as batidas no interior do seu peito.

Um batimento cardíaco.

2

DESPEDIDAS

DUAS NOITES PARA PHANTASMA

Muito poucas coisas eram consideradas anormais quando se vinha de uma família de Necromantes prolíficas. Todos os dias da infância de Ophelia consistiram em cadáveres a serem arrastados para dentro e fora da Mansão Grimm, idas ao cemitério, ouvir a mãe a queixar-se de mais um possível vírus infligido por Demónios que varria Nova Orleães, ou passar horas a recitar lições sobre todos os tipos de seres paranormais que ela poderia um dia encontrar. Metamorfos, Vampiros, Bruxas.

Mas acordar com Espíritos à espreita no quarto e nos corredores na manhã seguinte a ter encontrado o corpo inanimado da mãe era estranho até para os seus padrões. Ophelia não estava certa de que iria alguma vez habituar-se aos seres azul-pálido que entravam e saíam de vista ao seu redor. Por seu lado, os Espíritos ignoravam-na, na sua maior parte, passando pela Mansão Grimm e pelas ruas de Nova Orleães como fogos-fátuos sem rumo enquanto ela e Genevieve se dedicavam aos aspetos práticos da morte da mãe. Se não lhes prestasse atenção, a maioria concedia-lhe a mesma cortesia. Alguns, todavia, pareciam gostar de vê-la sofrer. Quando ela apanhava o seu olhar acidentalmente, estes recusavam-se a desviá-lo. Observando todos os seus passos. Pedindo que falasse com eles.

As duas irmãs estavam acordadas desde o amanhecer. Ou, melhor, estavam fora da cama desde o amanhecer. Ophelia passara a manhã a preparar a mãe para ser levada pelo médico-legista da cidade enquanto

Genevieve recolhia tudo o que elas precisariam para obter uma certidão de óbito e anunciar o obituário no *New Orleans Post*. Agora, faltava apenas uma hora para o cair da noite, e ela e Genevieve estavam a cerca de um quarteirão do gabinete do médico-legista para uma última despedida. Ao contrário dos outros mortais, as Necromantes não se preocupavam com tradições como funerais ou velórios. Faziam as suas despedidas às formas corpóreas dos seus entes queridos e depois esperavam até se apresentar a oportunidade de os contactar na vida após a morte. Realizar uma grande cerimónia parecia demasiado final quando tinham uma ligação tão forte com os mortos.

Ophelia questionou-se se a tensão solene que se agarrava à humidade do ar estaria apenas na sua mente, ou se, de alguma forma, a cidade sentia a grande perda de um dos seus. Se sabia que ela nunca seria capaz de substituir Tessie Grimm e fazia o luto por essa perda.

O peso novo da magia no seu íntimo revirou-lhe o estômago. Não demoraria muito para que sentisse a vontade de a expelir de alguma forma. A acumulação de demasiada energia sem libertação iria corroê-la por dentro.

— Estás bem? — murmurou Genevieve ao seu lado.

— Estou ótima — mentiu Ophelia.

Em vez de a confrontar com a mentira, Genevieve deixou passar, graciosamente.

— Já alguma vez te disse o quanto odeio viver numa cidade tão húmida?

— Quase constantemente.

— Fico sempre com os caracóis desfeitos — queixou-se Genevieve, como se Ophelia não tivesse falado. — O Inferno deve ser menos húmido do que isto.

Ophelia fungou, rindo-se.

— Tu sabes o que se costuma dizer. Venham ao Inferno; podemos ter Diabos e Demónios, mas ao menos o vosso cabelo não frisa.

Genevieve franziu o nariz.

— Uf, não fales *deles*. Isso é pedir que um deles apareça.

Não era assim que funcionava, obviamente. A não ser que se encontrasse um Diabo por acaso, ou vice-versa, Diabos individuais apenas podiam ser convocados se se evocasse as palavras ou nomes certos

— como era o caso para muitos dos seres paranormais. Algo que ela tinha quase certeza de que Genevieve sabia, mas, por outro lado, a irmã não recebera o mesmo tipo de educação que Ophelia. E mesmo que Genevieve a tivesse recebido, Ophelia estava certa de que a irmã não teria vontade nenhuma de a reter. Genevieve quase sempre mudava de assunto à mera menção de Diabos ou outros seres semelhantes. Entretanto, de todas as lições que a mãe lhe dera ao longo dos anos, Ophelia considerava as referentes aos Nove Círculos do Inferno particularmente cativantes. Mais do que as horas após horas de sermões sobre como reanimar cadáveres para cumprir ordens, como falar com os mortos, e como evitar ser possuída… as estórias dos territórios do Inferno sempre foram o fascínio macabro preferido de Ophelia.

Provavelmente porque, ao contrário da sua própria realidade, havia a possibilidade da promessa de algo fantástico num lugar como o Inferno. Diabos, Assombrações e Demónios bem-parecidos, que nos poderiam levar para o seu mundo mágico e perigoso. Tal como nos romances sombrios que lera na biblioteca da Mansão Grimm quando não conseguia dormir. E talvez o perigo não devesse ser assim tão atraente para Ophelia, mas a maior parte da sua vida fora passada isolada entre as paredes empoeiradas da Mansão Grimm, e ela ansiava por algo que lhe acelerasse o coração. Algo mais do que a magia nada familiar que agora pulsava nas suas veias.

É claro que, tal como acontecia com a magia, Ophelia começava a aprender rapidamente que a ideia de algo dava apenas prazer quando permanecia uma ideia. Um sonho acordado distante. Ter qualquer tipo de poder era um conceito tão estranho para Ophelia quanto a possibilidade de aventura ou romance. E não estava certa de que a magia se estava a assentar bem no seu íntimo. Nunca lhe perturbara observar a mãe a lidar com os mortos, mas a ideia de manipular uma coisa tão frágil como a própria vida quase a fazia desejar ter descoberto o destino trágico da mãe após o prazo da meia-noite e não ter recebido a sua magia de todo.

Se não estiveres em casa antes do anoitecer, tu e a Genevieve vão morrer, sussurrou a Voz das Sombras, desenrolando-se como fumo na sua mente, despertando-lhe a ansiedade.

Desde que tem memória, a voz estivera ali, nos recantos mais escuros da sua mente, dizendo-lhe para passar por certas portas senão toda a sua família pereceria. Obrigando-a a bater incessantemente nas portas para conseguir um momento de silêncio nos seus próprios pensamentos. Insistindo para que cometesse os crimes mais hediondos contra os seres mais vulneráveis. Quando era mais nova, temia estar possuída. Fizera as malas e percorrera mais de um quilómetro rua acima para poupar a família à sua maldade, até a mãe a encontrar e lhe explicar que a Voz das Sombras não era real. Tratava-se apenas de uma componente da sua mente. Uma componente com a qual teria de viver para sempre.

O Sol vai pôr-se em breve, insistiu a Voz das Sombras. ***Tiquetaque. Tiquetaque. Tiquetaque.***

Ophelia afastou a voz, dirigindo a atenção para a morgue que finalmente surgia à frente delas. Genevieve enfiou o braço no cotovelo de Ophelia, procurando conforto enquanto marchavam para o edifício pitoresco, fazendo soar uma campainha na pequena sala de espera à entrada.

— Olá, minhas queridas — cumprimentou o homem familiar. A cidade era pequena o suficiente para que o homem acumulasse as funções de médico-legista e agente funerário, já para não falar em qualquer outra função estranha ou macabra que pudesse surgir. Era mais velho, por volta dos sessenta anos, com cabelos grisalhos e um bigode branco que necessitava desesperadamente de ser aparado. — Por aqui.

Seguiram o médico-legista pelo corredor que ligava a sala de espera às traseiras do edifício. Ele abriu-lhes a porta e encaminhou-as para uma enorme divisão repleta de caixões.

— Odeio isto — murmurou Genevieve.

Ophelia percorreu rapidamente a divisão com o olhar, fixando-se no único caixão aberto à sua direita. Engoliu em seco quando se aproximou, quase se engasgando de terror ao espreitar para a mulher que se encontrava lá dentro.

O vestido bege simples que a mãe envergava na noite anterior desaparecera, substituído agora por um intrincado vestido preto de *chiffon* que tornava a tez já clara da mãe ainda mais pálida. Fora a mãe quem

escolhera originalmente aquele vestido no caso de a sua alma decidir manter-se por ali — Tessie Grimm fora intransigente quanto a não passar a eternidade como Espírito num espartilho —, mas vendo agora o vestido em exibição no caixão, Ophelia pensou que talvez se tivesse tratado da decisão errada.

— *Merda*. Isto só a faz parecer… — Genevieve franziu o seu pequeno nariz pontiagudo ao colocar-se ao lado de Ophelia, para ver o caixão com os próprios olhos. — Fantasmagórica. Eu disse-te que devíamos ter optado pelo roxo.

Ophelia suspirou, batendo levemente os nós dos dedos — *um, dois, três* — no lado do caixão para acalmar a mente. Ela concordava quanto ao vestido, mas agora era demasiado tarde. Além do mais, fosse como fosse, o período em que a alma da mãe poderia regressar acabara há muito. As almas que decidiam não atravessar de imediato para o Outro Lado voltavam poucas horas depois da sua morte. O que queria dizer que esta seria a sua última despedida. O vestido que escolheram não parecia ter grande importância.

Ophelia sabia que deveria estar feliz por a alma da mãe estar suficientemente em paz para atravessar, um sentimento que repetira para si mesma durante o processo penoso de enfiar uma agulha pelas pálpebras delicadas da mãe antes de o médico-legista ter recolhido o corpo da casa naquela manhã — um velho truque de Necromante para assegurar que a alma possa descansar em paz sem ser perturbada por uma ressurreição indesejada. Ainda assim, havia algo que a perturbava no fundo da sua mente, dizendo-lhe que aquela despedida não seria para sempre. Fora por esse motivo que ainda não vertera uma única lágrima.

— Se pudesse assinar aqui, Menina Grimm — incentivou o médico-legista, retirando-a dos seus pensamentos quando lhe bateu suavemente na mão com uma caneta.

Ophelia aceitou a caneta, batendo ligeiramente nas costas da mão duas vezes antes de escrever o seu nome no fundo do pergaminho que ele colocara sobre o lado fechado do caixão. O médico-legista olhou para ela de soslaio ao observar o tique, mas limitou-se a acenar com a cabeça em agradecimento enquanto enfiava de novo a caneta no bolso do casaco com uma leve palmada.

— E têm ambas a certeza de que não desejam que se faça uma autópsia? — insistiu ele. — Eu sei que todos os sinais apontam para um ataque cardíaco, mas ela era demasiado nova para que o coração cedesse sem…

— Você não vai abrir a nossa mãe — interrompeu Genevieve, num tom firme. — Já bastou que a Ophelia tivesse cosido as…

Ophelia deu uma cotovelada na barriga da irmã. Coser os olhos fechados de um cadáver com fio abençoado por um Demónio era um segredo bem guardado da comunidade de Necromantes. De outro modo, os mortais normais poderiam começar a realizar eles próprios a prática, e invalidar a capacidade de uma Necromante de reanimar ou fazer com que outra pessoa os possuísse. O que significava que a mãe delas não teria sido capaz de lucrar com os que queriam ressuscitar os seus entes queridos por um qualquer motivo grotesco ou outro. Não que a maioria das pessoas tivesse estômago para tal tarefa — Genevieve certamente não o tinha, tendo quase vomitado o pequeno-almoço quando encontrou Ophelia a terminar as suturas — e a própria Ophelia esperara até ao último segundo possível para efetuar as medidas necessárias no cadáver da mãe antes de o médico-legista aparecer para recolher o corpo.

— Esqueça — terminou Genevieve com um murmúrio. Levou a mão às pregas do vestido e pegou na papelada em que estivera a trabalhar a manhã toda. — Aqui está a certidão de nascimento dela e o obituário que escrevemos.

O homem coçou o seu espesso bigode branco, olhando de uma para a outra como se questionasse o que pensar sobre os modos estranhos das duas irmãs.

— Enviarei uma cópia da certidão de óbito para a Mansão Grimm o mais rápido possível — acabou por dizer, aceitando os documentos da mão de Genevieve. — Façam as vossas despedidas. Vou estar mesmo do outro lado da porta para a trancar assim que saírem.

As duas jovens acenaram com a cabeça para o dispensar e viraram-se de novo para a mãe enquanto ele saía da sala.

— Ela não vai voltar, pois não? — murmurou Genevieve.

Ophelia respirou fundo.

— Não me parece.

— Nós vamos ficar bem — disse Genevieve, mais para consigo mesma do que para Ophelia. — Se foi um problema com o coração dela, provavelmente foi só um acaso. Tenho a certeza de que não passou nada para nós. Afinal, a avó foi sã como um pero a vida toda, e provavelmente teria ficado connosco por muito mais tempo se não fosse o acidente. A mãe não ia querer que nos preocupássemos.

— Não, ela ia querer que *seguíssemos em frente.* É mesmo dela deixar-me aqui, sozinha, para continuar com o legado da nossa família. — O som que saiu da garganta de Ophelia foi algo entre uma gargalhada e um soluço de choro. — Não sei como espera que eu faça isto sem ela. Nunca serei tão boa como ela. Só recebi metade do treino que ela recebeu quando a mãe dela morreu.

— Ninguém espera que sejas perfeita, Ophie — realçou Genevieve.

— *Ela* esperava — contrapôs Ophelia, recordando os suspiros profundos de desilusão da mãe de cada vez que se enganava a recitar um feitiço ou não pensava rápido o suficiente. — Ela pode nunca *te* ter pressionado para seres perfeita, mas os padrões sempre foram diferentes para mim. E mesmo que a mãe nem sempre esperasse grandiosidade da minha parte, não consigo evitar esperá-la de mim mesma.

— Ophelia — censurou Genevieve. — Isso não é nada justo de exigir de ti própria.

Ophelia franziu o nariz, mas não comentou mais. Genevieve não compreendia. Como poderia? Sempre fora permitido a Genevieve vaguear livremente enquanto Ophelia ficara encatrafiada na Mansão Grimm, a aprender o negócio de família. Com a Voz das Sombras a provocá-la sempre que cometia um erro.

Se a avó fora responsável por trazer a indústria da Necromancia para Nova Orleães, Tessie Grimm fora responsável por torná-la uma atração tanto para turistas como para os habitantes locais. A Mansão Grimm tinha um fluxo constante de trânsito pedonal entre as horas do amanhecer e do anoitecer, de segunda a sábado, quando a população de Nova Orleães acorria a Tessie Grimm para praticamente todos os pedidos assombrosos imagináveis.

Pode contactar com o meu irmão no Outro Lado para eu lhe pedir desculpa?

Pode ressuscitar a minha namorada para ela dizer à polícia que não fui eu?

Pode convencer um Trasgo a possuir o meu marido e torná-lo mais tolerável?

Tudo o qual repousava agora apenas nos ombros de Ophelia.

— Temos de seguir em frente — continuou Genevieve, interrompendo os seus pensamentos. — Aceitar o que aconteceu para podermos continuar o legado dela.

— Queres dizer para *eu* poder continuar o legado dela — corrigiu Ophelia. — *Tu* não estás amarrada à Mansão Grimm. O fardo não é teu, nem eu alguma vez desejaria que o fosse.

Ophelia mordeu o lábio inferior e fechou os olhos por um momento, respirando fundo antes que a sua dor e ansiedade transbordassem. Ela preferia concentrar-se na sua raiva. Raiva por a mãe a ter deixado ali para se apoderar da magia da família, e da Mansão Grimm, muito antes de estar preparada. Ela sabia que, provavelmente, não seria de bom tom estar tão zangada com os mortos, mas a raiva dela era mais fácil de suportar do que o sofrimento que se escondia à superfície da pele. A fúria e o despeito podiam alimentá-la, impulsioná-la para a frente, mas se deixasse que o sofrimento a dominasse, não estava muito segura de que seria capaz de arrastar-se para fora desse poço.

Genevieve olhou para a irmã, indignada.

— Mas que porra, eu não vou abandonar-te para sempre, Ophie! Além do mais, não temos de tomar decisão nenhuma sobre a Mansão Grimm neste preciso momento, está bem? Não precisas de seguir as pisadas da mãe ao ajudar toda a gente em Nova Orleães só porque ela e a avó o fizeram. Eu sei que tudo parece assoberbante agora, mas só porque herdámos a Mansão Grimm não quer dizer que tenhamos de…

— *Para* — exigiu Ophelia ao olhar de novo para o caixão.

Genevieve cerrou os lábios. Ophelia não sabia ainda como contar à irmã — Genevieve continuava cheia de sonhos de que as duas partiriam juntas para viajar pelo mundo como prometeram uma à outra em crianças —, mas agora que a mãe partira, o destino da Mansão Grimm estava bastante traçado na mente de Ophelia.

Ophelia esticou o braço e passou levemente a ponta dos dedos pela face encovada da mãe. Assim que saísse daquela sala, seria apenas capaz de ver Tessie Grimm nas suas memórias. Memórias de uma mulher excêntrica a beber sete chávenas de chá por dia até ficar a cheirar a baunilha e

chai misturados com o aroma a sais de feitiço e magia. Da sua voz tranquilizadora a ler livros em voz alta na biblioteca da mansão antes do almoço, e o clangor metálico de floretes durante as lições de esgrima ao final da tarde. De ensinar a Ophelia todas as regras da magia e como lidar com os mortos enquanto Genevieve tinha lições de piano na saleta. Do cheiro a guisado e broa de milho com mel todos os domingos de inverno.

— Voltaremos a ver-nos, um dia — jurava agora Ophelia.

Se não bateres naquela porta três vezes nos próximos cinco segundos, sussurrou a insidiosa Voz das Sombras na sua mente, ***também morrerás.***

Ophelia susteve a respiração quando lampejos da sua própria morte antecipada lhe surgiram na mente. Uma figura sombria à sua frente, rasgando-lhe a carne macia com garras tão compridas como os seus dedos.

Tiquetaque.

Os seus músculos contraíram-se quando a adrenalina lhe percorreu o corpo, e os seus movimentos tornaram-se frenéticos ao virar-se para a porta.

— Ophelia? Merda. É outra vez a voz? — perguntou Genevieve, correndo para a frente nas suas saias de tafetá cor-de-rosa, esticando uma mão, preocupada.

Tiquetaque. Tiquetaque. Tiquetaque.

Ophelia tropeçou na própria bainha quando se atirou para a saída, batendo três vezes com os nós dos dedos na porta sólida antes que a Voz das Sombras contasse o último segundo. Depois, silêncio. A voz desaparecera de novo, evaporando-se da sua mente como névoa.

— Minhas queridas? — disse o médico-legista do outro lado da porta. — Bateram? A porta não está trancada.

Nenhuma das irmãs se deu ao trabalho de explicar quando Genevieve abriu a porta para trás. O homem olhou para elas com dó quando voltaram, trancando a porta e encaminhando-as até à saída. Genevieve lançou-lhe um olhar furioso. Genevieve odiava que tivessem dó dela.

— Boa sorte. — O médico-legista fez-lhes uma pequena vénia quando saíram para o sol de fim de tarde. Ophelia baixou o queixo para lhe agradecer enquanto seguia Genevieve, que não se importou com simpatias enquanto se afastavam.

3

RUMORES

O ar em Nova Orleães continuava elétrico com a tensão estranha que Ophelia sentira durante o percurso até à morgue, mas, a caminho de casa, parecia ligeiramente diferente. A ideia de se despedirem da mãe envolvera-a num nevoeiro de sentimentos tão espesso que, antes, só conseguira pensar em sofrimento. Todavia, agora reparava que, naquela noite, Nova Orleães se encontrava extremada.

As ruas do Garden District estavam mais escuras do que o habitual, apesar dos raios do sol da tarde que permaneciam. Os tacões das botas de Ophelia ressoavam nas pedras da calçada enquanto ela e Genevieve meandravam pela rua. Normalmente, as ruas estariam ainda apinhadas de carruagens e turistas a entrar e a sair do Bairro Francês, o som da música *jazz* algures à distância. Em vez disso, a rua que se estendia perante elas apresentava-se quieta, afogada em sombras e num silêncio bastante evidente para Ophelia: havia algo insidioso no ar.

— Temos de ir para casa — rogou Ophelia a Genevieve enquanto olhava em redor. — Isto não está certo.

— De que estás a falar? — perguntou Genevieve, erguendo uma sobrancelha. — Nada me parece errado. Nem sequer há pessoas na rua esta noite.

— Precisamente — murmurou Ophelia. — Estamos na época turística; porque é que está tudo tão silencioso?

— Já estava silencioso antes — realçou Genevieve. — Talvez toda a gente tenha decidido não arriscar ser apanhada pela chuva. Aquelas nuvens estão a aproximar-se bastante.

Ophelia levantou a cabeça para espreitar as nuvens cinzentas que aumentavam à distância. Talvez Genevieve tivesse razão, talvez ninguém quisesse arriscar a chuva. Mas isso continuava a não explicar o aperto que sentia no estômago. Ou porque os ramos dos carvalhos que ladeavam a rua pareciam mais retorcidos do que o habitual, a humidade no ar mais sufocante.

A pulsação de Ophelia acelerou quando algo se mexeu nas profundezas das sombras para lá da cerca de ferro forjado das casas à sua direita. Ophelia aproximou-se mais da irmã enquanto abrandavam até pararem junto a um café no cruzamento, uma brisa fazendo esvoaçar as suas grossas saias cinzentas, o aroma familiar de pastelaria frita e açúcar em pó chegando-lhe ao nariz um momento mais tarde.

— Oh! — Genevieve agarrou o antebraço de Ophelia, puxando-a em direção ao café. — Dá-me um minuto, Ophie, estou a ver uma amiga minha.

Antes que Ophelia pudesse protestar, Genevieve entrou no café, cumprimentando com um guinchinho uma rapariga que Ophelia nunca vira antes. Ophelia aproximou-se para espreitar pelo vidro da porta quando esta se fechou. Viu a irmã mais nova, efusiva, a abraçar a estranha com uma familiaridade que lhe provocou um nó na garganta. Não havia uma única pessoa no mundo, além de Genevieve, que Ophelia conhecesse tão bem para cumprimentar daquela forma.

Mas ali estava Genevieve, a falar animadamente com aquela rapariga de cabelos louros, com um brilho nos olhos cerúleos que há muito se encontrava ausente na presença de Ophelia.

Enquanto estavas presa em casa, a ajudar a tua mãe a evocar os mortos, a tua irmã fazia amigos, disse a Voz das Sombras. ***Não a odeias por isso? Não querias poder magoá-la? Fazê-la sangrar? Eles pensam que ela é perfeita, e engraçada, e bonita e tu és...***

— Para — sussurrou ela em voz alta, esticando a mão para bater com os nós dos dedos no vidro.

Um, dois, três.

A voz evaporou-se.

— … ouviste? O Farrow Henry diz que vai entrar. Não vai aguentar duas noites inteiras naquele lugar se os rumores forem verdadeiros — disse uma voz grossa atrás dela.

Ophelia virou-se para ver dois homens, mais ou menos da sua idade, a vir na sua direção do outro lado do cruzamento.

— O sobrinho do Richard Henry? — O outro riu-se. — Ele nasceu num berço de ouro. Aposto vinte moedas de prata que sai na primeira noite porque o quarto dele não é luxuoso o suficiente.

— Vai ter sorte se não morrer de ataque cardíaco nas primeiras duas *horas* — concordou o primeiro homem.

O primeiro homem, o mais alto, mal olhou para Ophelia quando atravessaram a rua e passaram por ela para entrar no café. O outro olhou brevemente para os olhos assombrados dela e encolheu-se. Dirigiram-se diretamente a Genevieve, e Ophelia engoliu em seco quando viu a irmã inclinar a cabeça para trás com uma gargalhada, agarrando-se ao mais alto com afeto pelo que quer que ele disse. Apesar do espetáculo convincente que a irmã estava a dar de que tudo estava bem, Ophelia conhecia Genevieve suficientemente bem para ver que havia uma máscara que lhe ocultava a dor. A notícia ainda não se espalhara pelos círculos sociais de Nova Orleães, e Genevieve não era certamente pessoa de estragar uma boa disposição com uma revelação tão solene.

Ophelia teve de desviar os olhos da cena. Genevieve tinha toda uma vida fora da Mansão Grimm. Pessoas com quem estabelecera ligações, com quem fizera memórias, cujos nomes Ophelia nem sequer sabia.

Antes de entrar numa espiral profunda daqueles pensamentos, o vidro refletiu um clarão de luz, vindo de trás dela. Ophelia afastou-se da porta, titubeante, e virou-se rapidamente para trás, quase se engasgando com o que viu.

Ali, a poucos passos de distância, estava uma Aparição. A sua forma tinha uma auréola do mesmo azul gelado que vira nas outras. Azul Grimm. Obviamente.

A Aparição inclinou a cabeça na direção dela.

Ophelia engoliu em seco.

— Não sou ela.

A Aparição aproximou-se a pairar.

— Vai-te embora. — Ophelia afastou a Aparição com um movimento da mão. — Não sou *ela*, ela partiu. Nunca serei ela. Deixa-me em paz.

Pois, em Nova Orleães, todos conheciam Tessie Grimm, a prolífica Necromante. Até os mortos. Principalmente os mortos.

A Aparição abriu a boca como se quisesse contestar a alegação de Ophelia, mas antes de conseguir proferir uma palavra, alguém passou através do seu corpo transparente. A Aparição desapareceu como fumo no vento.

— Veio para cá, juro — insistia o homem que atravessara inconscientemente a Aparição com a sua companhia enquanto caminhavam. — Para lá da velha catedral, onde costumava estar o cemitério. A Emma disse que a viu lá ontem.

Os sentidos de Ophelia agitaram-se com as palavras do homem. Tivera razão. O facto de a única coisa naquele silêncio estranho serem rumores ditos em voz baixa significava que havia algo maléfico no ar.

Ophelia virou-se de novo para o café e abriu a porta. Quando se aproximou, Genevieve e os amigos nem sequer desviaram os olhos da sua conversa. Uma conversa em voz baixa.

Ophelia aclarou a garganta.

— Genevieve?

Genevieve parou de sussurrar quando o seu olhar recaiu em Ophelia, com um brilho de surpresa nos olhos. Como se se tivesse esquecido completamente de que Ophelia estava ali.

— Oh. Ophie.

— É quase noite — disse Ophelia. Não havia necessidade de mais explicações. Genevieve estava perfeitamente consciente do porquê de aquela simples declaração incitar à urgência.

Virando-se de novo para os amigos, Genevieve suspirou.

— Desculpem, tenho de ir. Mas aviso-vos quando puder jantar convosco, sem dúvida. Teremos muito que conversar.

Os outros acenaram com a cabeça, concordando, olhando para Ophelia com curiosidade, mas nenhum deles se deu ao trabalho de a

cumprimentar ou de se apresentar. O que não a incomodou de todo — Ophelia não estava com disposição para socializar, fosse como fosse.

Quando saíram, a porta firmemente fechada atrás delas, Ophelia perguntou:

— Quem eram?

— Apenas uns conhecidos — respondeu Genevieve, fazendo um gesto de indiferença com a mão.

— Onde os conheceste? — insistiu Ophelia.

Os olhos de Genevieve fitaram a irmã, alegremente.

— Em nenhum lugar insidioso, se é isso que te preocupa.

— É claro que não. — Ophelia abanou a cabeça, enfiando o braço no de Genevieve para a puxar mais depressa pela rua enquanto outro clarão de azul brilhante surgia por cima do seu ombro. — É só que nunca os mencionaste antes.

— Estás bem? — perguntou Genevieve.

Outro clarão de azul à direita. Ophelia parou quando o seu olhar se cruzou com o da Aparição mais recente.

— Ophie? Parece que viste um… *oh.* — Genevieve arregalou os olhos. — É isso, não é? Estás a vê-los agora.

— Distrai-me — pediu Ophelia. — De que falavam vocês ali atrás?

Saltaram por cima de um buraco no passeio enquanto avançavam, afastando-se do Garden District.

— Oh, hum… — Genevieve hesitou. — Do Farrow Henry! Sim. É isso. Só uns mexericos sobre o solteirão mais infame de Nova Orleães.

— Conhece-lo? — perguntou Ophelia. — Os outros tipos estavam a falar dele quando entraram.

— Não. Sim. Não. — Genevieve abanou a cabeça, frustrada. — Ele convidou-me para um dos bailes do ano passado. O pai dele é o diretor de uma das Confrarias do *Mardi Gras*. A Mystick.

— Não sabia que tinhas ido a um dos bailes — comentou Ophelia.

Genevieve bufou.

— E não fui. Tinha planeado ir, fiz o meu vestido e tudo, mas depois aquele parvalhão deixou-me pendurada e levou outra pessoa. Mesmo assim, fiz questão de aparecer no cortejo da Mystick. Não consegui resistir à oportunidade de o fazer contorcer-se de embaraço.

Ophelia soergueu as sobrancelhas com o atrevimento da irmã, o riso a borbulhar-lhe na garganta. Por vezes, Genevieve praguejava mais do que um marinheiro. Embora só de pensar que alguém ferira os sentimentos de Genevieve lhe fizesse ferver o sangue — já para não dizer que era risível que se pudesse encontrar alguém melhor que a irmã. Genevieve diria que Ophelia não era imparcial, mas o facto de haver vários pretendentes a enviar cartas de amor para a mansão todos os meses era prova do contrário.

— Bem, ele não tem cérebro, claramente, se desperdiçou a oportunidade que teve contigo — comentou Ophelia.

Genevieve fungou de riso.

— Não faz mal. Fodi o melhor amigo dele nas traseiras do carro alegórico para me vingar.

O sol baixara agora para lá do horizonte, e as duas irmãs estugaram instintivamente o passo ao passar pelas filas coloridas de casas do centro da cidade. Havia duas regras sagradas que a mãe lhes ensinara sobre vaguear por Nova Orleães depois do anoitecer: a primeira era «Se a escuridão olhar para ti, *nunca* lhe devolvas o olhar». Essa era uma forma seguríssima de ser apanhada por um Diabo.

Os Diabos vagueavam por Nova Orleães há tanto tempo quanto as Bruxas e os Vampiros — mais, até. Ophelia nunca conhecera um, e mesmo com tudo o que aprendera da mãe sobre aqueles seres insidiosos, não estava preparada para um verdadeiro encontro com um deles. Ainda não.

A segunda regra era que *se* se quebrasse a primeira, nunca, *mas nunca*, se devia fazer um acordo com um Diabo. A não ser que se quisesse perder a alma. Um conceito que muitos turistas demasiado curiosos nunca pareciam aprender, congregando-se em lugares como Nova Orleães — lugares impregnados de magia — à procura de coisas das quais nada sabiam.

Os desesperadamente fascinados pelo tipo de seres que os espreitavam da escuridão raramente gostavam dos resultados de realmente os encontrarem.

Ophelia olhou em volta para ver que havia muito poucas pessoas a passear pelas ruas com elas. Um par de lojistas a sair do trabalho e

animadores de rua corajosos prestes a começar o seu dia, o que não ajudou os nervos de Ophelia. Mas ao menos não estavam completamente sozinhas.

Para sublinhar esse sentimento, uma carruagem passou por elas a toda a velocidade, o clique-claque dos cascos dos cavalos no pavimento a misturar-se com as notas sensuais da música *jazz* que subiam para um crescendo ao longe. Um casal a meandrar na direção delas abanou as cabeças ao ver as duas irmãs a passear de braço dado, e Ophelia não estava certa se reprovavam as duas por algum motivo, ou se os mexericos sobre a mãe já se teriam espalhado o suficiente para habitantes locais aleatórios começarem a distribuir as suas condolências. Fosse como fosse, o olhar furioso e gelado que Ophelia lhes dirigiu bastou para os fazer encolher e afastarem-se apressadamente.

— Parece que o dom da mãe de perturbar os habitantes da cidade passou para ti. — Genevieve franziu um pouco o nariz. — Não te vou mentir, Ophie… é um pouco mais difícil olhar para ti agora.

Não foi um choque que Genevieve achasse a nova cor dos olhos de Ophelia perturbadora. A irmã mais nova sempre tivera dificuldade em olhar diretamente para a mãe e deixara abundantemente claro a vida toda que, caso Ophelia morresse tragicamente sem herdeiros, Genevieve não continuaria o legado da família.

A forma como as pessoas se ofendiam facilmente com a sua família pequena e estranha sempre incomodara Genevieve, e quando chegara a uma certa idade, começara até a recusar-se a acompanhar a mãe a qualquer parte da cidade, não fossem elas encontrar-se com algum dos seus amigos da alta sociedade. Nada disso alguma vez incomodara Ophelia.

Talvez porque Ophelia sabia que aquele seria o seu destino, um dia. Ou talvez Genevieve estivesse apenas embaraçada por os amigos lhe dizerem para estar, e Ophelia nunca tivera, realmente, os seus próprios amigos para se sentir pressionada por eles. As poucas vezes que Ophelia tivera pretendentes terminaram em casos rápidos e ardentes que se extinguiram tão depressa quanto começaram. Nenhum deles chegou à fase em que os pudesse apresentar à família.

Ophelia não podia deixar de pensar se estaria loucamente despreparada para ser assimilada na sociedade normal sem a mãe como guia. Estava familiarizada com a morte. O verdadeiro desafio seriam os vivos.

Ao seu lado, Genevieve estremeceu subitamente, lançando um olhar estranho por cima do ombro.

— Que foi? — perguntou Ophelia.

Genevieve hesitou.

— Uma coisa que um dos meus amigos me disse há pouco… sobre… — Abanou a cabeça. — Esquece. Vamos para casa. Tenho frio.

— Vamos de carruagem — insistiu Ophelia com o aproximar da noite. — Eu sei que não devíamos desperdiçar dinheiro, mas não quero ficar aqui um segundo mais do que o necessário.